

POÉTICA E SIGNIFICANTE*

Recebido em 07/10/2008

Aceito em 20/12/2008

Cláudia Thereza Guimarães de Lemos**

Resumo: Este artigo visa colocar em questão os limites da Linguística no que diz respeito à poética, isto é, ao fato de a língua ser de uma natureza tal que a poesia é possível. Parte-se, então, da eficácia simbólica discernível tanto na experiência psicanalítica que, para Lacan, exige um campo além da linguística, quanto no acontecimento poético que, em contraste, para Jakobson, concerne à Linguística. Esse contraste, de certa forma, está presente na teorização de Saussure. Embora tenha efetuado uma ruptura seja com a tradução representacionista, seja com a positividade da unidade linguística, confrontado com os anagramas por ele identificados na poesia latina, Saussure não reconhece no poético a tensão entre as unidades constituídas e as assonâncias que as desfazem. Portanto, tanto Saussure quanto Jakobson não puderam dar um estatuto linguístico a essa tensão a qual permite dizer algo e significar outra coisa, apontando assim para a relação entre linguagem e inconsciente. Ou, em outras palavras, para o sujeito da psicanálise.

Palavras-chave: poética; anagrama; unidade lingüística; assonância; estruturalismo.

O que um lingüista teria a dizer sobre poética para psicanalistas em formação ou em exercício?

Essa pergunta põe em cena a lingüística, a poética e a psicanálise, campos que, como espero mostrar, apesar da especificidade de cada um, se cruzam na minha busca de um entendimento da relação sujeito-língua, a partir da eficácia simbólica da língua. Eficácia esta discernível tanto no que Lacan chamou de experiência analítica, quanto na poesia em que essa eficácia simbólica é nomeada efeito estético. A mesma eficácia simbólica que a lingüística deixa de lado, no que toca o sujeito falante, para definir os princípios que regem a língua e descrever as chamadas línguas naturais.

Outra indagação que – suponho - este trabalho suscita seria sobre porque fui levada a adentrar esses cruzamentos, desvios, a me deixar atravessar

* Este trabalho é uma reelaboração de palestra, dirigida a psicanalistas e linguistas, feita em Maceió, no ano de 1998, palestra esta cuja primeira versão escrita foi objeto de uma publicação interna da instituição psicanalítica *Traço*.

** Professora titular aposentada da UNICAMP e membro da Escola de Psicanálise de Campinas.

por esses três campos. Meu campo de pesquisa ou, para usar de um termo da academia, minha sub-área de pesquisa na lingüística, é a aquisição de linguagem. Nesse campo, o que me tem interrogado são fenômenos que, na fala da criança, se aproximam tanto do que para um professor seria um erro, do que para o linguista apareceria como um desvio, quanto do chiste e do lapso, ressignificados pela psicanálise, assim como das rupturas do discurso ordinário de que é feita a poesia. É, na verdade, a partir de uma teorização sobre o que, desse heterogêneo, a fala da criança dá a ver, que venho procurando entender sua trajetória de *infans* para falante.

Se, para ir além do que se indicia dessa trajetória na superfície da fala da criança, é preciso levar em conta o que a lingüística tem produzido enquanto ciência da língua, não há como não incluir a psicanálise quando se concebe o vir-a-ser falante como efeito da língua e não como produto de um aprendizado da língua concebida como objeto de conhecimento.

Já o comparecimento da poética junto a esses campos tem a ver com a particular relação do falante/poeta com a materialidade da língua que a poética tem tentado desvendar. Isso significa que uma tal aproximação nem de longe corresponde a uma assimilação da criança ao poeta, ou do insólito da fala da criança à poesia, ao modo do que se tem feito também entre a psicose e a criação estética. Há especificidades estruturais a serem explicitadas e que não cabem no espaço deste trabalho.

Por isso mesmo, seu tema não inclui nem essas aproximações nem a aquisição da linguagem, centrando-se na relação entre psicanálise e lingüística. A saber, na forma como essa relação se faz presente na obra de Lacan e, em seguida, no fracasso a que a ausência dessa relação levou a tentativa de Jakobson de incluir a poética no campo da lingüística.

Eu diria que se trata de um fracasso exemplar, de um fracasso bem sucedido - no sentido em que a teorização de Freud e de Lacan autoriza a dizer - na medida em que permite elaborar a necessidade de um movimento oposto, na direção da psicanálise. O que quero dizer com isso? Que a lingüística, sem a psicanálise, não dá conta do poético.

A direção que tomarei aqui para chegar a essa afirmação será de Lacan para a lingüística, da psicanálise para a lingüística, começando pela releitura e transformação a que Lacan submeteu o conceito de significante saussureano, a partir de Freud. Para isso, vou começar mostrando como essa relação entre a psicanálise e a lingüística, no que diz respeito à poética, é tratada por Lacan em certo momento de seu ensino. Em uma das primeiras sessões do Seminário XX, no ano de 1972, na presença de Roman Jakobson, que tinha poucos dias antes feito uma de uma série de conferências no Collège de France, Lacan diz:

Um dia percebi que era difícil não entrar na lingüística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto. Daí, fiz algo que me parece, para dizer a verdade, a única objeção que eu poderia formular ao que

vocês possam ter ouvido outro dia da boca de Jakobson, isto é, que tudo que é da linguagem dependeria da lingüística, quer dizer, em último termo, do lingüista. Não que eu não lhe acorde muito facilmente quando se trata de poesia, a propósito da qual ele adiantou esse argumento. Mas, se considerarmos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou como o inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de lingüisteria. (Lacan, 1985/1972:25)

Esse excerto começa com uma afirmação - a de que a descoberta do inconsciente acarreta a necessidade de “entrar na Lingüística”. Para entendê-la, é preciso saber que lingüística é essa por ele convocada a ler, a recuperar o sentido do que Freud tinha enunciado sobre o inconsciente.

A questão é pertinente na medida em que, na concepção de Jakobson, tudo o que se refere ao lingüístico deve ser incluído no objeto da lingüística¹. Ao dizer isso - e ele o disse repetidas vezes - o que ele tem em mente é um dos fenômenos sistematicamente excluídos pela lingüística isto é, a poesia. O que significa que a lingüística de Jakobson mira além da lingüística vigente.

Por outro lado, como se pode ler na objeção que Lacan faz ao que se ouviu “da boca de Jakobson”, se a linguagem é onde “se garante tudo que da boca de Freud se afirmou como o inconsciente”, não há como não reconhecer o que, nesse domínio, é o lugar da Psicanálise. É a esse domínio - do qual, nesse momento, Lacan exclui a poesia, deixando-a à lingüística de Jakobson - que Lacan chama de lingüisteria. Nesse nome, podem-se ler muitas coisas e, entre elas, a palavra “histeria”, que nele marca a presença da psicanálise.

Essa fala, contudo, aqui comparece apenas para mostrar que Lacan vem a negá-la, naquilo que concerne tanto à poesia quanto à lingüisteria, em um de seus últimos seminários, aquele denominado *Na direção de um significante novo*². Nesse seminário, composto de apenas cinco aulas, o significante volta à discussão. Depois de se referir a uma conferência recente a que tinha assistido, Lacan diz, reelaborando o que dissera em 1972:

Meu primeiro sentimento foi de dizer que o que eu chamo de lingüisteria exige a psicanálise para ser sustentada. E eu acrescentaria que não há lingüística que não seja lingüisteria. (Lacan 1977, p. 7)

Se é possível interpretar esse segmento do seminário como a afirmação da impossibilidade de fazer lingüística sem incluir aquilo que é da ordem do inconsciente, importa também tomar em consideração as ressalvas que são feitas a ela. A primeira, logo a seguir à citação acima, é seu reconhecimento

¹ Ver Jakobson, 1963, Capítulo XI.

² “Vers um signifiant nouveau”, em *Ornicar* 1977.

de que “Isso não quer dizer que a psicanálise seja toda a lingüística; o acontecimento ou a história o prova, porque faz-se lingüística há muito tempo, muito antes da psicanálise, desde Platão, Donato, Prisciano [...]” (*idem. ibidem*).

A segunda ressalva, a que de fato interessa a esta introdução, se apresenta como o discernimento entre uma lingüística que não inclui a poética e aquela que, incluindo a poética, se cruza com a psicanálise.

Assim, ao tratar, nesse mesmo texto, da questão da significação, Lacan aponta para algo que toca tanto a prática analítica quanto a poesia ao dizer que “Um discurso está sempre adormecido a não ser quando ele não é compreendido; aí ele acorda” (*op.cit.* p.13) O sentido dessa fala vem à luz com mais nitidez se a lemos com o que se segue:

Ser eventualmente inspirado por alguma coisa da ordem da poesia para intervir como psicanalista? É bem esta a direção em que é preciso que vocês se orientem porque a lingüística é uma ciência muito mal orientada. Ela não se eleva a não ser quando Jakobson fala da poética. (*Idem. ibidem*)

Para adentrar agora o tema que me propus a tratar, retomo à pergunta feita logo de início, fazendo nela reverberar as falas de Lacan que balizam minha introdução. Que lingüística é essa a que Lacan recorre? Que lingüística serve de ponto de partida para ele reivindicar a lingüisteria? Que lingüística é essa em que é difícil não entrar depois que se reconhece a descoberta do inconsciente? E que lingüística é essa - agora pensando no seminário de 1977, ou que lingüisteria - permite uma relação com a poética. ?

Referências à lingüística estruturalista e, mais particularmente, a seu fundador, Ferdinand de Saussure, como também a Roman Jakobson, estão presentes na obra de Lacan, principalmente no período que Jean-Claude Milner (1995) designa como o “primeiro classicismo lacaniano”, até aproximadamente 1966.

Essas referências apontam, em primeiro lugar, para o significante em Saussure como um dos fios da rede que Lacan lança para recuperar e reler o sentido e a função da fala e da linguagem na obra de Freud. A contrapartida dessa releitura é, como não podia deixar de ser, a possibilidade que ela abre para que se releia Saussure, para ir além do que dele restou na lingüística.

Quando se diz de Saussure que ele fundou a lingüística como ciência, o que se tem em mente é uma ruptura com o que era pressuposto como fundamento do saber sobre a linguagem/língua construído antes dele. Não se trata, como é o caso no que se refere a Freud, da fundação de um campo, mas de, no interior de um campo já estabelecido desde que os filósofos antigos se interrogaram sobre a linguagem, submetê-lo a uma interrogação sobre o próprio objeto que se tomava por conhecido.

Para melhor entender essa ruptura que afeta a definição mesma do que é a língua, convém lembrar aqui que essa definição está desde sempre vinculada ao reconhecimento de uma heterogeneidade. Já no Renascimento

pergunta-se como é que coisas tão heterogêneas como as palavras e as coisas podem se associar ou podem representar umas às outras. No século XVIII essa pergunta toma uma forma menos concreta: como é que coisas de natureza tão diversa como o som e a idéia podem representar um à outra ?³

Colocava-se já em questão a relação entre o que na Idade Média se veio a denominar *signans* e *signatum* ou, mais tarde em Saussure, significante e significado. Isto é, procedia-se assim a uma desnaturalização da palavra como unidade, como Um, interrogando-se sobre o que poderia ter unido coisa tão dessemelhantes.

A descoberta, no século XIX, das semelhanças fonéticas entre línguas geograficamente tão distantes como o sânscrito relativamente ao latim, ao grego e ao gótico, veio a deslocar essa interrogação para uma outra esfera de fenômenos. Se, de início, essa descoberta levou ao mito de uma língua-mãe que incarnaria a origem dessas semelhanças, assim como à busca de correspondências formais - semelhanças e diferenças - pelas quais se empreendeu a reconstrução dessa língua, foi também através dela que se veio a reconhecer algo de uma outra ordem. A saber, que as diferenças entre formas semelhantes como a palavra sânscrita *pitar*, a latina *pater* e a gótica *fadar*, que significam 'pai', resultam de leis fonéticas cujo funcionamento é cego. Em outras palavras, que essas diferenças não são determinadas por fatores físicos ou fisiológicos (relativos aos sons, sua audição ou articulação), nem pelo seu significado. Elas são manifestações de leis que atuam sobre sons da fala - mais tarde, conceptualizados e nomeados fonemas - independentemente de sua função e significado.

A formação de Saussure se dá dentro desse movimento conhecido como gramática histórico-comparativa e, em particular, junto aos chamados neogramáticos, isto é, àqueles que, a partir da reconstrução histórica das relações entre as línguas indoeuropéias, chegaram a uma formulação mais precisa das leis fonéticas. Se essas leis mostravam, de um lado, a face histórica da heterogeneidade do significante com relação ao significado, de outro lado, elas tornavam necessário que se repensasse a própria constituição das unidades lingüísticas, isto é, sua possibilidade de existência a despeito dessa mesma heterogeneidade.

Foi Saussure quem atendeu a essa necessidade elaborando a teoria do signo e a teoria do valor. A primeira significa uma ruptura com a tradição representacionista, que tratava o significante como representando o significado. O traço com que Saussure escreve a relação entre os dois é um traço de união indissolúvel, união essa ressignificada pela metáfora da relação entre anverso e verso da folha de papel. Em outras palavras, como a afirmação da não-anterioridade e da não-autonomia do significado relativamente ao significante. Ou ainda, para usar dos termos com que a filosofia e a psicologia trataram da significação, como a não anterioridade do pensamento com relação à linguagem.

³ Para uma reflexão filosófica sobre a história dessas concepções, ver Lahud 1975.

Essa escrita do signo, assim como a arbitrariedade da relação entre suas duas faces, é um dos passos de Saussure na direção do reconhecimento da ordem própria da língua. O fato de Lacan ter relido o signo, isto é, o que ele chama de algoritmo saussuriano, fixando o significante sobre o significado e transformando o que era traço de união em barra ou barreira intransponível, corresponde, a meu ver, a uma radicalização disso que no signo saussureano anuncia a ordem própria da língua. A saber, se a língua tem uma ordem própria, o falante encontra-se a ela submetido e nela se inscreve pela via do significante.

Pode-se dizer, fazendo assim de uma história longa um resumo brevíssimo, que a teoria do valor vem, de certa forma, completar esta ruptura com a representação. Através dela, Saussure reafirma a autonomia da língua como decorrente da relação dos signos entre si, relação esta de pura diferença e assentada na negatividade. Um signo não é uma unidade positiva, na medida em que é o que os outros não são. Isto é, nem o falante representa o pensamento pela linguagem, ou o conceito pela palavra, nem intervém no funcionamento do sistema tecido por essas relações diferenciais. Como diz Milner (1978), para Saussure o signo representa para outro signo. A questão é saber o que é representado nessa operação, já que o reconhecimento da ordem própria da língua trazia já no seu bojo a exclusão da fala e do falante enquanto indivíduo que dela faz uso e, assim sendo, a tem sob domínio.

Uma tal concepção de língua e de signo rompe primeiramente com a positividade ou existência em si mesma da unidade lingüística, a começar pela da palavra, objeto das reflexões dos filósofos, passando também pela dos sons da fala, já abalada pelas leis fonéticas. Daí que o *Curso de Lingüística Geral* (1987/1916), livro que Saussure não escreveu, mas que dois de seus alunos (re)compuseram a partir de anotações de aula, seja hoje, quando lembrado, lembrado como aquele em que se lê que a língua não é uma nomenclatura, isto é, uma lista de palavras, mas um sistema “où tout se tient”, onde tudo se articula/está articulado.

Uma tal concepção de língua e de signo rompe também com a idéia de um falante que, da posição que lhe é dada pelo ato de falar, escolhe, decide, controla o que da língua escorre para sua fala. Não coube a Saussure reconhecer essa ruptura. Ainda que se interrogue sobre a língua na fala⁴ e tenda a fazer da primeira o objeto da lingüística, não consegue deixar de procurar o lugar da fala e do falante no funcionamento da língua.

Desse ângulo é que se pode melhor entrever a releitura de Saussure por Lacan. A saber, a primazia do significante sobre o significado e a introdução do sujeito dividido no lugar mesmo que Saussure deixou vazio: “O significante é o que representa um sujeito para outro significante” (Lacan, 1996).

Desse mesmo ângulo pode-se entender a dificuldade para Saussure de sustentar esse vazio. Sua reflexão sobre a natureza das unidades lingüísticas

⁴ Sobre as dificuldades de Saussure para dar um lugar á fala na relação com a língua, ver Lemos 1995 e Silveira 2007.

exibe, em várias passagens, essa dificuldade. É, porém, ao tratar da delimitação de unidades no contínuo sonoro que ele se vê obrigado a recorrer à fala e, em consequência, ao falante.

Isso acontece, por exemplo, quando, para mostrar que as unidades da língua - sejam elas palavras, sejam elas unidades menores como os fonemas - não são acessíveis a uma percepção direta, ele recorre, entre outras coisas, à situação de estar-se diante de uma fala em língua estrangeira. Situação esta em que não se pode identificar na “massa fônica” nem unidades como palavras nem fonemas. Isto é, em que ouvir mostra sua não-coincidência com o escutar.

A delimitação de unidades é, segundo ele, possível para quem conhece a língua e “colocando-se no plano da fala, tomada como documento da língua”, pode “representá-la por duas cadeias paralelas: a dos conceitos(a) e a das imagens acústicas (b).” (*op. cit.*, p.121).

Porém, é o próprio Saussure que traz essa questão, o conhecimento da língua que torna possível ao falante “colocar-se no plano da fala” é insuficiente para entender o que determina a delimitação no caso de cadeias homófonas. Em cadeias como, usando sua exemplificação, “je l’apprends” e “je la prends”, que não diferem do ponto de vista fônico, não basta ser falante nativo do francês para decidir sobre que delimitação “escutar”.

A solução de Saussure no âmbito do *Curso*⁵, ou do que nele está pela mão de seus alunos, é fazer do significado o que permite decidir sobre a delimitação. Não é, contudo, solução para o mistério que ele enfrenta ao se deparar nos versos saturninos da poesia latina com fenômenos que iam além da métrica e de outras características próprias a essa poesia. A saber, com o fato de que o nome da divindade a que o poema era dedicado ou o nome daquele que havia encomendado o poema para a lápide de um túmulo, comparecia no poema através de segmentos - sílabas, consoantes, vogais - presentes nas palavras dos versos. Assim, em um poema dedicado a Apolo, pode-se ler seu nome no verso “Ad temPLa pOrtatO” (A tradução: “levado diante dos templos”).⁶

Ao estudo obsessivo do que ele nomeou anagramas e que, como os definiu Starobinski (1974/1971), são “palavras sob palavras”, Saussure dedicou grande parte de suas noites, enchendo um grande número de cadernos. Com exceção do pouco que o mesmo Starobinski conseguiu publicar, esses cadernos permanecem inéditos. Mais que isso: sua publicação está sob embargo por decisão dos responsáveis pelo seu espólio, dado o temor, segundo Milner (1978), de que se torne conhecida o que, para eles, seria a loucura de Saussure.

Diante disso que se apresentava como um ciframento, ao modo - como não lembrar? - do **rebus** que Freud havia descoberto alguns anos antes

⁵ No momento primeiro da elaboração deste trabalho, ainda não tinham sido dados a público os manuscritos de Saussure descobertos em 1996 e que, organizados e editados por Bouquet e Engler, foram publicados em 2002.

⁶ A propósito dos anagramas, ver Silveira (2007) e Alves (2008).

no sonho, Saussure se coloca perguntas que passam a dirigir sua busca. Primeiro, sobre a extensão do fenômeno que, de fato, ele vem a identificar nos poemas sagrados da literatura védica, na poesia grega, enfim onde quer que procure o que ele qualifica como um recurso poético.

Sendo um recurso poético tão difundido, porque os tratados sobre versificação e técnica poética não o mencionam? Seria esse silêncio o indício de que se trata de um segredo, de um recurso secreto? Essas perguntas sem resposta produzem um deslocamento: seu escopo deixa de ser a poesia e a técnica poética e passa a ser o poeta. Seria ele consciente do que cifra no poema?

Julgando que só um poeta poderia responder a isso, Saussure escreve a um poeta italiano que, depois de lhe dar, provavelmente, uma primeira resposta, cala-se perante uma segunda indagação⁷. É a partir daí que passa a interrogar-se sobre sua própria leitura/escuta.

Essa interrogação toma uma forma quase patética na carta que ele endereça a um colega lingüista, pedindo-lhe que o ajude a solucionar o mistério. Já que era matematicamente impossível submeter os textos a um tratamento estatístico para verificar se os anagramas eram um efeito combinatório conseqüente à distribuição de sílabas, vogais e consoantes nas unidades da língua, ele depositava no colega a esperança de ver confirmada ou negada sua escuta. Disso, conclui ele, pendia sua decisão de continuar ou abandonar esses estudos.

Não se tem notícia da resposta do colega. Parece que Saussure deixou de lado seu trabalho sobre os anagramas. E antes de se ter dado conta que tinha estado diante da homonímia. Isto é, do fato de que há palavras sob outras palavras não apenas na poesia, mas no que, na língua, é equívoco e aponta para o registro do real, para **lalangue**⁸. Do fato de que a operação pela qual se impõe uma delimitação à cadeia remete a algo mais do que o simbólico que a língua presentifica⁹.

Neste ponto, fica mais fácil entender porque se encontra em Lacan a afirmação de que, depois da descoberta do inconsciente, ficava difícil não entrar na lingüística, ainda que fosse para fazer dela apenas um passo para a lingüística.

Por outro lado, fica também mais fácil entender porque Jakobson dedicou uma longa parte de sua vida à tentativa de convencer linguistas e especialistas em poética de que a poesia fazia parte do objeto da Linguística.

O percurso de Roman Jakobson como linguista estruturalista inclui tanto sua importante contribuição à fonologia e a outros aspectos da língua, quanto sua insistência em fazer ver estrutura e estruturação onde a lingüística não via senão erro, desvio e violação, isto é, na fala do afásico, na fala da criança, na poesia.

⁷ A propósito, ver Starobinski, *op.cit.*, p.106.

⁸ Ver, a propósito, Milner, 1978.

⁹ Como fica claro na *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (Freud, 1976/1901).

Já em 1921¹⁰, enquanto membro do grupo dos formalistas russos, ao lado de poetas como Khlebnikov e Maïakovski, ele afirmava que a literariedade - a propriedade que definiria o literário e a literatura - deveria ser buscada na própria linguagem, na materialidade lingüística e não no conteúdo, com que se apaga essa materialidade.

Para ele, o efeito estético advinha da estrutura que o instrumental da lingüística permitia depreender dessa materialidade, estrutura essa que se instanciava no verso e no poema como um todo, suspendendo os limites das palavras que o compunham

Isso significa que, além do ritmo ou da métrica, da rima e da aliteração, plenamente reconhecidas desde sempre como propriedades do poético e assentadas sobre a repetição, havia outra repetição a considerar. Aquela interna ao verso, que se apresenta sob a forma de assonâncias e dissonâncias entre segmentos de palavras tanto no mesmo verso quanto entre versos do mesmo poema.

Qual é o efeito dessa sub-estrutura que desfaz a unidade constituída e suspende o sentido tanto da palavra quanto do verso? Qual é o efeito dessa tensão entre o sentido dessas unidades constituídas e o não-sentido desses sons que, ao se repetirem, criam simetrias?

Para falar desse efeito, Jakobson invoca vários poetas e, dentre eles, Paul Valéry e sua definição da poesia como uma “longa hesitação entre som e sentido”. Parafraseando Lacan, pode-se ler nessa definição o reconhecimento de Valéry de que a poesia faz acordar discursos adormecidos. E é no mesmo sentido que se pode tomar a afirmação de Rifaterre (1978), não citado por Jakobson, segundo o qual “A poesia diz uma coisa e significa outra”.

Não há como não associar essas sub-estruturas aos anagramas de Saussure, ainda que as primeiras não remetam a outras palavras. Essa associação não passou despercebida a Jakobson, que se debruçou tanto sobre as formações anagramáticas presentes, por exemplo, em um poema de Fernando Pessoa¹¹ (Ver de Lemos 1996: 87) quanto sobre a figura de linguagem chamada paronomásia, que, a meu ver, é uma figura intermediária entre o anagrama e as sub-estruturas fônicas.

Para dar o relevo merecido à análise desses fenômenos por Jakobson, sirvo-me aqui da análise que ele fez de uma formação paronomástica em dois versos do poema “O Corvo” de Edgar Allan Poe:

“And the raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door.”
Ou. Na tradução de Haroldo de Campos(1976):
“E o corvo, sem revoo, pára e pousa, pára e pousa
No pálido busto de Pallas, justo sobre meus umbrais.”

¹⁰ Em Jakobson, 1973, pp. 11-24.

¹¹ A propósito, Lemos 1996, p.87.

Depois de chamar a atenção para a presença de *Pallas* em *pallid* e de *bust* em *just*, assim como da rima interna no verso anterior, ele insiste em seu efeito de amálgama, “fusão em um todo orgânico” (Jakobson 1963: 239) da forma e do sentido das palavras que, como eu mesma comento em trabalho anterior,

Ainda que se sucedam uma a uma, têm sua autonomia lingüística submetida à autonomia da estrutura poética. Já não se trata assim de uma repetição ocultada, dissimulada sob as palavras, mas de um retorno reiterado na própria cadeia manifesta, que conduz o leitor para frente e para trás.(Lemos 1996:88)

Já é tempo de retomar a questão enunciada anteriormente, dando-lhe talvez uma nova forma. Como se pode qualificar esse empreendimento teórico de Jakobson como um fracasso exemplar? É verdade que esse empreendimento não foi reconhecido nem pelos lingüistas nem pelos críticos literários ou teóricos da poética.

É, porém, o fato de ter sido reconhecido por Lacan, que chega mesmo a relacionar a intervenção do analista à ordem do poético, que nos indica o caminho da resposta.

Esse caminho passa pela indagação sobre o poeta, isto é, pela particular relação que o poeta entretém com a língua e pelo que, nessa relação, aponta para o vínculo entre língua e inconsciente.

Não que Jakobson não se tenha perguntado sobre o poeta, como Saussure o fez com relação aos anagramas. Porém, como Saussure, ele se pergunta se a poesia nasce de um estado de consciência do poeta ou não. Se não, tratar-se-ia, afinal, do que se tem chamado de inspiração?

A resposta a essa pergunta, cuja formulação mostra a dificuldade de Jakobson em reconhecer a leitura de seu trabalho por Lacan, ele vai buscar no que os poetas falam sobre poesia. E assim vê-se diante tanto daqueles como Poe e Baudelaire que insistem no seu papel ativo na construção do poema, quanto dos que, como Schiller e Mallarmé, se confessam arrebatados pelas palavras.

Sua saída é a de quem insiste na lingüística e resiste à lingüisteria, lançando mão das funções da linguagem, em que ele inclui a função poética, como recurso para reafirmar a pertinência do domínio poético à disciplina do estruturalismo lingüístico. Remetendo a poesia a uma dentre as várias funções da linguagem_ referencial ou cognitiva, conativa ou comunicativa, fática ou de contacto, metalingüística_ ele recorre a algo externo à língua, a algo que a qualifica como um instrumento tanto cognitivo quanto social, negando assim sua ordem própria.

Este fracasso é mesmo exemplar e o exemplo que dele se tira é que não dá para falar do falante, poeta ou não, do lado de fora da lingüisteria.

Abstract: *This paper aims at questioning the limits of Linguistics concerning poetics, i.e, the fact that language is of such a nature that poetry is possible. Our point of departure is symbolic efficacy as discernible both in the psychoanalytic experience which, for Lacan, asks for a domain beyond Linguistics, and in the poetic event which, in contrast, for Jakobson, concerns Linguistics. Such a contrast is, in a certain way, present in De Saussure's theorizing. Indeed, although having disrupted both the representationalist tradition and the positivity of linguistic units, confronted with the anagrams found in latin poetry, he did not recognize the poetic tension between established units and the assonances which break them. Therefore, both De Saussure and Jakobson could not assign linguistic status to that tension. Namely, to the fact that it allows us to say something and to mean something else, thus pointing to the relation between language and the unconscious. Or, in other words, to the psychoanalytical subject.*

Key-words: *poetics; anagrams; linguistic unit; assonance; structuralism*

Referências bibliográficas

FREUD, S., (1901) *Psicopatologia da vida cotidiana, Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*, vol. VI, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

JAKOBSON, R. (1963) *Linguistique et Poétique*. Em *Essais de Linguistique Générale*. Paris: Minuit, pp. 209-248.

_____. (1973) *Fragments de "La nouvelle poésie russe"*. Em *Questions de Poétique*. Paris: Seuil (pp. 11-24).

LACAN, J.(1985/1972) *Seminário XX: Mais, ainda*. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, p. 201.

_____. (1977) *Vers un signifiant nouveau*. Em *Ornicar ? 17/18*, pp. 7-23.

_____. (1996) *Séminaire IX: l'identification (1961-1962)*. Publicação interna da Association Freudienne Internationale, p. 446.

LEMOS, C.T.G(1995) *Da morte de Saussure o que se comemora? Psicanálise e Universidade 3*, pp. 41-51.

_____. (1995) *Língua e discurso na teorização sobre a Aquisição de Linguagem*. *Letras de Hoje 102*, pp.9-28.

_____. (1996) A poética entre a fala e a linguagem. Em *Jornadas Internas de 199: Lacan no Simbólico*. Campinas: Escola Lacaniana de Psicanálise, pp.81-91.

MILNER, J.-CL.(1978) *L'amour de la langue*. Paris: Seuil, 134 p.

_____. (1995) *L'Oeuvre Claire*. Paris: Seuil, 173 p.

RIFATERRE, M.(1978) *Sémiotique de la poésie*. Paris: Seuil, 255 p.

STAROBINSKI, J. (1971/1974) *As palavras sob as palavras; os anagramas de Ferdinand de Saussure*. Tradução de Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva.

SAUSSURE, F. DE, *Curso de Lingüística Geral*. Organizado por C. BAILLY e A. SECHEHAYE, com a colaboração de A. RIEDLINGER. Tradução brasileira de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo, Editora Cultrix, 1994, 279 p.

SILVEIRA, E. (2007) *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*. Campinas: mercado de Letras, 168 p.

SILVA, K. A.(2008) Os anagramas de Saussure: Saussure sob Saussure. Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica, FAPESP, inédito, 41 p.